

UNIVERSIDADE POTIGUAR
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ANA BEATRIZ LIRA DE ARAÚJO MARINHO
YASMIN OLIVEIRA PEREIRA

**O USO DE PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS NO APRENDIZADO DAS
RELAÇÕES INTERNACIONAIS: A LENDA DE KORRA**

NATAL
2022

ANA BEATRIZ LIRA DE ARAÚJO MARINHO
YASMIN OLIVEIRA PEREIRA

**O USO DE PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS NO APRENDIZADO DAS
RELAÇÕES INTERNACIONAIS: A LENDA DE KORRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção de grau de
Bacharel em Relações Internacional,
Departamento de Relações Internacionais,
Universidade Potiguar.

Orientador: Prof. Dr. Murilo Mesquita Melo
e Silva

NATAL
2022

ANA BEATRIZ LIRA DE ARAÚJO MARINHO
YASMIN OLIVEIRA PEREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção de grau de
Bacharel em Relações Internacional,
Departamento de Relações Internacionais,
Universidade Potiguar.

Orientador: Prof. Dr. Murilo Mesquita Melo
e Silva

Natal, 07 de dezembro de 2022.

Orientador: Prof. Dr. Murilo Mesquita Melo e Silva
Universidade Potiguar

Examinadora: Prof.^a Me. Júlia Silva Rensi
Universidade Potiguar

Examinadora Externa: Prof.^a Me. Laís Caroline Kuss

RESUMO

Como o uso de produções audiovisuais afeta o processo de aprendizagem de Relações Internacionais? O objetivo geral desta pesquisa é compreender a relação entre o uso de produções audiovisuais e o processo de aprendizagem do conceito de terrorismo. Para atender essa finalidade, são os objetivos específicos: (i) Discutir a abordagem Estética das Relações Internacionais no processo de aprendizagem; (ii) Apresentar o debate sobre o conceito de terrorismo; (iii) Relacionar a produção audiovisual “Avatar: A Lenda de Korra” com o conceito de terrorismo. São produzidos dados qualitativos, derivados de um experimento com a animação e a aplicação de uma pesquisa, realizada através de um *survey* dividido em duas etapas, com dois grupos diferentes. Com resultados positivos, a animação foi considerada eficaz para ilustrar o conteúdo, e os estudantes mostraram-se positivos quanto à adoção dessas ferramentas como um complemento das aulas teóricas, tornando-as mais interessantes.

Palavras-chave: Abordagem Estética. Relações Internacionais. Aprendizagem. Terrorismo. A Lenda de Korra.

ABSTRACT

How does the use of audiovisual productions affect the learning process in International Relations? This research has the general objective of comprehend the relation between the use of audiovisual productions and the learning process of the concept of terrorism. To achieve this finality, the specific objectives are: (i) Discuss the Aesthetic Theory of International Relations in the learning process; (ii) To present the debate on the concept of terrorism; (iii) Relate to audiovisual production “Avatar: The Legend of Korra” with the concept of terrorism. In this Term Paper, an experiment is applied using the exhibition of scenes from “Avatar: The Legend of Korra” with the application of a Survey to produce qualitative data about the relation between the animation and the concept of terrorism according to the perspective of International Relations students. The experiment reveals positive propositions about the perception of IR students regarding the adoption of this tool to learn.

Key words: Aesthetic Theory. International Relations. Learning. Terrorism. The Legend of Korra.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
1 RELAÇÕES INTERNACIONAIS E A ABORDAGEM ESTÉTICA.....	4
1.1 A Estética no Ensino de Relações Internacionais	5
2 O QUE É TERRORISMO?.....	9
2.1 Perspectiva Histórica	12
2.2 Velho <i>Versus</i> Novo Terrorismo	13
2.3 Terrorismo como Fenômeno Social	15
2.4 Comportamento Terrorista: O Modelo Estratégico/Instrumental.....	16
3 TERRORISMO E A “AVATAR: A LENDA DE KORRA”	18
3.1 Comparação com a Teoria	19
4 R. I. ESTÉTICA: EXPERIMENTO COM “AVATAR: A LENDA DE KORRA”	21
4.1 Metodologia.....	21
4.2 Aplicação	22
4.3 Resultados.....	23
Considerações Finais	26
REFERÊNCIAS	27
APÊNDICE.....	30

INTRODUÇÃO

Como o uso de produções audiovisuais afeta o processo de aprendizagem de Relações Internacionais? Em face dessa pergunta, essa pesquisa versa acerca da abordagem Estética no aprendizado das temáticas que envolvem as Relações Internacionais, ou seja, através da através do ponto de vista do aluno, uma perspectiva pouco abordada.

Filmes, séries e animações ao mesmo tempo que têm por objetivo o entretenimento, mas também podem tecer caminhos para o processo de aprendizagem. O uso de produções audiovisuais pode ser uma ferramenta auxiliar no ensino de temas de Relações Internacionais e promover a absorção e visualização de conceitos de forma mais didática. O estímulo visual, quando for capaz de auxiliar o aluno a se colocar em determinado contexto, pode ser também capaz de proporcionar uma melhor análise dos acontecimentos.

O objetivo geral deste trabalho é compreender a relação entre o uso de produções audiovisuais e o processo de aprendizagem do conceito de terrorismo em RI, ou seja, através da perspectiva do aluno. Para tanto, objetivos específicos da pesquisa consistem em: (i) Discutir a abordagem Estética das Relações Internacionais no processo de aprendizagem; (ii) Apresentar o debate sobre o conceito de Terrorismo; (iii) Relacionar a produção audiovisual “Avatar: A Lenda de Korra” com o conceito de “terrorismo”.

De acordo com os objetivos específicos, a metodologia da pesquisa envolve uma cultura metodológica qualitativa para apreensão do conceito de terrorismo e de como ele é utilizado na animação escolhida para a segunda etapa da metodologia da investigação. Nessa etapa realiza-se uma pesquisa de campo com alunos do curso de Relações Internacionais da Universidade Potiguar para avaliar sua percepção sobre a utilização de uma animação como estratégia para compreender o conceito de terrorismo.

Assim, o artigo é dividido da seguinte maneira: primeiramente, um panorama sobre a abordagem Estética no ensino superior de Relações Internacionais. Em seguida, uma discussão sobre o conceito de terrorismo, relacionando o termo a um trecho da animação. A seguir, é exposta a metodologia e os dados coletados na pesquisa feita com estudantes do curso. Para finalizar, os resultados e considerações finais.

1 RELAÇÕES INTERNACIONAIS E A ABORDAGEM ESTÉTICA

As ferramentas epistemológicas para compreender a dinâmica das relações internacionais se encontram nas teorias de Relações Internacionais (R.I.) (GUIMARÃES,

2021). Dentre as várias abordagens teóricas que constituem esse campo de conhecimento aqui faz-se uso da abordagem Estética. Uma perspectiva pouco disseminada no campo das R.I., que possui o intuito de preencher lacunas explicativas e conceitos pertinentes ao campo de estudo de R.I., a partir da utilização de representações artísticas como objeto de estudo.

A concepção surge no campo das R.I. na década de 1980, nomeada como a Virada Estética, sob o contexto do Quarto Grande Debate das R.I.: um debate epistemológico, sobre a maneira de se analisar as Relações Internacionais, entre as teorias positivistas, que buscavam superar as limitações que as teorias dominantes em meios não tradicionais, e as pós-positivistas, que buscavam alcançar o rigor científico pela realidade objetiva do sistema (JACKSON, SORENSEN, 2005; NOGUEIRA, MESSARI, 2005). Neste contexto, a perspectiva Estética, por seus meios não-tradicionais, situa-se sob o direcionamento das correntes pós-positivistas buscando novas reflexões das problemáticas globais.

Holden (2006) relata que os primeiros anos da Virada Estética foram influenciadas pelas abordagens pós-colonialistas, feministas e pela Teoria Crítica. Essa base epistemológica conduz a Virada Estética contra as perspectivas *mainstreams* das RI, sobretudo a teoria Realista. Entretanto, a Estética não se limita a criticá-las, mas em promover ampliação do debate e desenvolver uma conexão entre as imagens e as R.I. com a utilização de objetos marginalizados como fonte e instrumento de estudos (BLEIKER, 2012; JESUS, TÉLLEZ, 2014).

No final dos anos 1990 ocorre a segunda Virada Estética, com o aumento de produções utilizando objetos artísticos para ressignificar temáticas de RI. Essas produções ganham destaque em revistas científicas como a *Millennium* e *Alternatives*, através dos escritos de Michael J. Shapiro nos anos de 1990 e sua demonstração de que os filmes são políticos, não porque demonstram a política, mas porque sua percepção não se prende apenas a exprimir algo fixo, mas em algo que possa se manifestar no cenário político e estimular seu movimento (SHAPIRO, 2015).

A Estética nas R.I. se propõe a desenvolver um olhar alternativo sobre as relações internacionais. Bleiker (2001) argumenta que há dois modos de enxergar a política internacional: pelas abordagens Miméticas, e pelas abordagens Estéticas. A abordagem Mimética tem um caráter pragmático e objetivo que provém das correntes teóricas hegemônicas das Relações Internacionais e, por isso, entretanto, as abordagens miméticas

não dão atenção suficiente à relação entre o representado e sua representação (BLEIKER, 2001).

Por seu turno, dentro da Estética, há uma, cuja abordagem interessa a essa pesquisa, conhecida como “cinematográfica”. Desde essa perspectiva, entende-se que o jogo da política internacional é influenciado também pela manifestação do subjetivo, e que essa é uma fonte que pode oferecer insights alternativos sobre as relações internacionais. Insights esses que geram um tipo de compreensão reflexiva que surge não de uma aplicação sistemática das habilidades técnicas de análise que prevalecem nas ciências sociais, mas do cultivo de uma visão mais especializada sobre o político (BLEIKER, 2012).

O principal argumento defendido pelos Estéticos é que as imagens importam (BLEIKER, 2018). Tal importância pode ser explicada pela capacidade das imagens de moldar a visão que os indivíduos possuem sobre as relações sociais (CALLAHAN, 2020). Nesse sentido, ao mesmo tempo que as imagens têm o poder de visibilizar, elas podem invisibilizar fenômenos e objetivos políticos (CALLAHAN, 2020).

Por exemplo, uma fotografia ao mostrar uma paisagem, expõe, sozinha, uma realidade, algo concreto. Contudo, sem um elemento de interpretação, a mesma perde sua profundidade, pois as imagens não possuem significado por si próprio, elas precisam de um intermediário que as veja e as interprete. Esse processo hermenêutico se dá em função das relações sociais que constituem a interação entre os indivíduos, sujeitos de ação e os objetos. De tal modo, uma imagem, sua interpretação e sua construção são cercadas de significados, que são uma construção social (BLEIKER, 2018).

Conforme Neumann (2016), o pensamento Estético sofre preconceito do *mainstream* das R.I, isso acontece em razão da abordagem ser considerada como muito experimental e sem rigor para o meio científico (FUNDERBURK, 1978). Elevar e legitimar o valor da abordagem Estética é o que, para Bleiker (2001; 2012), exprime ser o principal desafio Estético. Não obstante, ainda que a abordagem cinematográfica encontre certas adversidades, ela consegue disseminar-se em outras vertentes das R.I. como a exploração do ensino e da aprendizagem.

1.1 A Estética no Ensino de Relações Internacionais

A abordagem Estética encontra outros trajetos para avançar na reflexão dos problemas sociais, um dos meios são os estudos sobre os efeitos das aplicações das artes

Estéticas em sala de aula. As produções artísticas, principalmente os filmes, conquistaram espaço como ferramentas para compreensão de eventos, conceitos e ações pertinentes às relações internacionais. A associação de filmes em aulas acontece porque há conceitos que podem ser demasiado complexos para a compreensão dos alunos, o que reivindica estratégias que possam facilitar o processo de aprendizagem (KRUKONES, 1989).

Elabora-se aqui um quadro sobre o histórico de experimentos, com recursos audiovisuais, nas R.I. com base na ferramenta *Connected Papers*. A seleção dos textos seguiu os critérios de: produção de dados utilizando produções audiovisuais como instrumento, ter sido publicado entre 1996 a 2022 e ter sido citado mais que 100 vezes (Quadro 1).

Quadro 1: Histórico de Experimentos com Filmes em Sala de Aula de R.I.

AUTOR	ANO	PESQUISA
WEBER, C.	2001	Questionário de 5 perguntas sobre conceitos-chave trabalhados em filmes para testar as habilidades analíticas visuais e mensurar a representação do mundo pelas teorias e pelos filmes.
KUZMA, L. M.; HANEY, P. J.	2001	Curso de verão experimental aplicado em duas universidades diferentes, utilizando filmes populares, com textos primários sobre política externa.
SIMPSON, A. W.; KAUSSLER, B.	2009	Experiência usando filmes para complementar o uso de simulações e cenários de dramatização de teorias de Relações Internacionais.
SWIMELAR, S.	2013	Questionário avaliativo de cinco filmes para análise do envolvimento dos alunos, compreensão e interpretação de temas das R.I (teoria de RI, mídia e guerra e direitos humanos) e sobre a utilidade no ensino Relações Internacionais.
NEVES JR, E. J.; ZANELLA, C. K.	2017	Experiência com cursos de universidades: Universidade Federal de Uberlândia (MG) e Universidade Vila Velha (ES), para testar a percepção dos estudantes acerca do uso de filmes em sala de aula.

Fonte: Elaboração própria (2022)

O uso de filmes em sala de aula é um recurso com considerável potencial para facilitar o processo de aprendizagem no ensino de R.I (FUNDERBURK, 1978; SIMPSON e KAUSSLER, 2009). Para Kuzma e Haney (2001), existem cinco pontos favoráveis para os alunos ao utilizar esse recurso (Quadro 2):

Quadro 2: Pontos Positivos do Uso de Filmes em Sala de Aula.

Pontos Positivos em relação ao Uso de Filmes em Sala de Aula	
1	Estimular os sentidos cognitivos.
2	Concretizar abstrações.
3	Desencadear aprendizagem afetiva.
4	Gerar conexões históricas.
5	Avançar o aprendizado.

Fonte: Elaboração própria (2022) a partir de Kuzma e Haney, 2001.

Contudo, as vantagens vão para além destes cinco tópicos. Engert e Spencer (2009) exprimem que o principal proveito que se pode tirar dos objetos audiovisuais é sua característica primordial: a visualidade, que traz a atenção maior dos alunos e, combinada com a forma oral apresentada, ajuda os alunos a reter por mais tempo a informação e ter taxas mais altas de lembrança pelo cérebro (PAIVIO, 1975 *apud* KUZMA e HANEY, 2001).

Por outro lado, os filmes tem como objetivo principal o lazer e o entretenimento e, normalmente, não visam o aprendizado escolar ou acadêmico (ZANELLA e NEVES JR., 2017). A adoção de artifícios como animações, filmes e séries em classe possui riscos. Safia Swimmellar (2013) aponta seis principais fatores negativos acerca do uso errôneo da aplicação de filmes em sala de aula (Quadro 3):

Quadro 3: Pontos Negativos do Uso de Filmes em Sala de Aula

Pontos Negativos Do Uso de Filmes em Sala de Aula	
1	A pouca robustez do conteúdo do filme
2	Manipulação do conteúdo exposto
3	A falta de preparo dos professores para a utilização dos filmes
4	Conteúdos irrelevantes ao longo dos filmes
5	Desestímulo do estudante ao perceber pouca qualidade no conteúdo
6	Tendências ideológicas que apagam o ponto central de informar o estudante o conteúdo da aula

Fonte: Elaboração própria (2022) a partir de Swimmellar, 2013.

Além de compreender as vantagens e desvantagens do uso de filmes, entender como utilizar um recurso estético importa e afeta na aprendizagem dos discentes. Sendo assim, é igualmente relevante entender como analisá-los. Champoux (1999) argumenta

que, dado que os filmes podem ter várias funções no ensino, cabe ao professor escolher o modo que ele será utilizado. Dentre as maneiras estão: (i) filme como um caso; (ii) como um exercício experimental; (iii) um filme como uma sátira; (iv) como uma metáfora; (v) como simbolismo; (vi) como uma experiência; (vii) como tempo, e (viii) como significado.

Zanella e Neves Júnior (2016) aprimoram as funções de Champoux em três principais formas de análise (Quadro 4):

Quadro 4: Métodos de Análise de Filmes

Métodos de Análise de Filmes	
Método Análise-Texto	Concentra-se na história contada, desconsiderando elementos externos ao filme.
Método Externo-Estético	Combina os elementos externos e internos da produção.
Método Contextualização-Temático	O elemento cinematográfico é utilizado como recorte temporal para dar contexto.

Fonte: Elaboração própria (2022) a partir de Zanella e Neves Júnior, 2016.

Estas três formas são coincidentes ao pensamento de Engert e Spencer, que além delas, adicionam mais uma maneira de analisar os filmes em conjunto às R.I, pelo método introduzido por Cynthia Weber de “analisar como o filme e a teoria dão sentido ao mundo” (ENGERT e SPENCER, 2009, pág. 93-94).

Assim, de forma a aplicar a abordagem Estética em um experimento, faz-se necessária a escolha de uma ideia a ser trabalhada juntamente com uma animação. Logo, é escolhido o conceito de terrorismo, pelas diferentes visões e vasta discussão que ele proporciona. Assim, na próxima seção são expostas discussões acerca da definição de terrorismo e das características que configuram um ato ou um grupo como terrorista.

2 O QUE É TERRORISMO?

A ideia de *terrorismo* foi escolhida para o trabalho, junto à animação, pela vasta discussão que propicia, visto que não possui um conceito pacificado e consolidado. A partir disso, é realizada uma revisão sistemática de literatura. Esta seção tem como objetivo, além de expor a variedade conceitual, para fornecer dentre as opções o conceito que melhor se adequa ao exposto na animação que foi utilizado no experimento,

apresentar algumas perspectivas que foram selecionadas afim de apresentar a visão do que pode ser considerado um ato ou organização terrorista, que varia em função da perspectiva epistemológica de cada autor.

A seleção dos textos é realizada a partir do *Connected Papers*, no qual foi pesquisado o termo “*terrorism*”. A partir disso, os critérios para seleção foram: a quantidade de vezes em que o texto foi citado, não menor que 100; o título e o resumo, em que se buscava palavras voltadas para a discussão conceitual. Em seguida, os conceitos encontrados foram compilados conforme o Quadro 5.

Quadro 5: Conceitos de Terrorismo a Partir do *Connected Papers*

AUTOR	ANO	CONCEITO
FROMKIN, D.	1975	“O terrorismo é a violência usada para criar medo; mas visa criar medo para que esse medo, por sua vez, leve outra pessoa – não o terrorista – a embarcar em algum programa de ação bem diferente, que realizará tudo o que o terrorista realmente deseja.” (pág. 11, tradução nossa) ¹
KRIEGER, T; MEIERRIEKS, D.	2001	“É comumente definido como o uso deliberado de violência e intimidação dirigida a um grande público para coagir uma comunidade (governo) a conceder demandas políticas ou ideológicas.” (pág. 4, tradução nossa) ²
KYDD, A.; WALTER, B.	2002	“A violência terrorista é uma cara forma de sinalização, pela qual os terroristas tentam influenciar as crenças de seus inimigos e a população que eles representam ou desejam controlar. Eles usam a violência para sinalizar sua força e determinação em um esforço para obter concessões de seus inimigos e obediência e apoio de seus seguidores.” (pág. 78, tradução nossa) ³
LAKE, D. A.	2002	“Terrorismo é o uso irregular de violência por grupos não estatais contra alvos não militares e pessoais para fins políticos.” (pág. 17, tradução nossa) ⁴
PAPE, Robert A.	2003	“Terrorismo envolve o uso de violência por uma organização que não seja um governo nacional para causar intimidação ou medo entre um público-alvo

¹ No original: Terrorism is violence used in order to create fear; but it is aimed at creating fear in order that the fear, in turn, will lead somebody else—not the terrorist—to embark on some quite different program of action that will accomplish whatever it is that the terrorist really desires.

² No original: It is commonly defined as the deliberate use of violence and intimidation directed at a large audience to coerce a community (government) into conceding politically or ideologically demands.

³ No original: Terrorist violence is a form of costly signaling by which terrorists attempt to influence the beliefs of their enemy and the population they represent or wish to control. They use violence to signal their strength and resolve in an effort to produce concessions from their enemy and obedience and support from their followers.

⁴ No original: Terrorism is the irregular use of violence by nonstate groups against nonmilitary targets and personnel for political ends.

		(Department of State 1983-2001; Reich 1990; Schmid and Jongman 1988)” (pág. 345, tradução nossa) ⁵
BERGESEN, A. J.; LIZARDO, O.	2004	“O uso premeditado de violência por um grupo não estatal para obter um objetivo político, religioso ou social através do medo ou intimidação dirigida a um grande público.” (pág. 38, tradução nossa) ⁶
CRONIN, A. K.; LUDES, J. M.	2005	“A ameaça surpresa ou o uso de violência aparentemente aleatória contra inocentes foi para fins políticos por um ator não estatal.” (pág. 4, tradução nossa) ⁷
ABRAHMS, M.	2006	“O terrorismo é um instrumento coercitivo destinado a comunicar aos países-alvo os custos do descumprimento de suas exigências políticas [terroristas]” (pág. 56, tradução nossa). ⁸
GOODWIN, J.	2006	“[...] o uso estratégico de violência e ameaças de violência, geralmente com a intenção de influenciar diversos públicos, por grupos políticos de oposição, contra civis ou não combatentes que pertençam a uma etnia específica, grupo religioso ou nacional, classe social ou alguma outra coletividade, sem levar em conta suas identidades ou papéis individuais”. (pág. 2031, tradução nossa) ⁹
HOFFMAN, B.	2006	"A criação e exploração deliberadas do medo por meio da violência ou da ameaça de violência, em busca de mudança política." (pág. 40, tradução nossa) ¹⁰
FRANKS, J.	2006	“[...] uma forma específica de violência motivada por uma agenda política, ou mais simplesmente como ‘violência política letal’” (pág. 87, tradução nossa) ¹¹

Fonte: Elaboração própria (2022).

Dessa forma, entende-se que o conceito de terrorismo é manipulável, logo, pode ser instrumentalizado para servir aos interesses de quem o constrói. De acordo com Diniz (2002), é difícil construir um conceito que não seja “incontroverso”, dado que a ideia de terrorismo é muito abstrata, logo “[...] torna impossível a conjugação de todos os

⁵ No original: Terrorism involves the use of violence by an organization other than a national government to cause intimidation or fear among a target audience.

⁶ No original: The premeditated use of violence by a non state group to obtain a political, religious, or social objective through fear or intimidation directed at a large audience.

⁷ No original: The surprise threat or use of seemingly random violence against innocents for political ends by a nonstate actor.

⁸ No original: Terrorism is a coercive instrument intended to communicate to target countries the costs of noncompliance with their [terrorist’s] policy demands.

⁹ No original: [...] the strategic use of violence and threats of violence, usually intended to influence several audiences, by oppositional political groups against civilians or noncombatants who belong to a specific ethnicity, religious or national group, social class or some other collectivity, without regard to their individual identities or roles.

¹⁰ No original: The deliberate creation and exploitation of fear through violence or the threat of violence in the pursuit of political change.

¹¹ No original: [...] a specific form of violence motivated by a political agenda or more simply as ‘lethal political violence.’

significados, justificativas e interesses particulares em uma única definição”. (MANNIK, 2009, pág. 152 *apud* REZENDE e SCHWETHER, 2015, pág. 88). A partir disso, serão apresentadas 5 categorias pertinentes ao entendimento do que é terrorismo, que posteriormente serão utilizadas para construir um paralelo com a animação “Avatar: A Lenda de Korra”.

2.1 Perspectiva Histórica

O surgimento do termo data do fim do século XVIII, com o chamado “Regime do Terror” da França e era atrelado ao Estado, como “agente terrorista” (REZENDE e SCHWETHER, 2015, p. 89). Apenas no final do século XIX, quando se inicia a 1ª onda do terrorismo, os atores se inverteram e o Estado passou a ser, majoritariamente, a vítima (RAPOPORT, 2002).

Todavia, é possível um aporte histórico que permite lançar mão de uma noção mais precisa do que é o terrorismo. A prática de atos ditos “terroristas” não é recente. Segundo Rapoport (2002) o terrorismo pode ser observado a partir de ciclos ou ondas. A primeira onda é datada da década de 1880, marcada pelos movimentos anarquistas, que buscavam expor a vulnerabilidade do governo, de forma a provocar reação da sociedade. A principal estratégia era o assassinato de figuras de poder.

O segundo ciclo, que teve início na década de 1920, foi motivado pelo Tratado de Versalhes, após o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1919. No contexto do neoimperialismo, essa fase do terrorismo é caracterizada pelas lutas pela autodeterminação dos povos. Rapoport (2002) também aponta que foi a partir dessa onda que se pode observar a instrumentalização do termo “terrorista” com conotação negativa.

A terceira onda teve início na década de 1960, e perdurou até o final da Guerra Fria. Foi uma onda revolucionária contra o capitalismo, chamada de “Nova Esquerda”. Se deu principalmente em países do Terceiro Mundo. Nesse ciclo, existiram cooperações entre organizações terroristas, inclusive em outros territórios, sendo mais “internacional”; e os assassinatos de figuras importantes, característico da primeira onda, voltaram.

A quarta onda se mantém até os dias atuais. É caracterizada pelo extremismo religioso, com protagonismo da religião Islâmica. Os terroristas buscam nortear as ações dos governos com base em seus princípios religiosos. Também buscam combater a influência do Ocidente no Oriente Médio, tendo como principal alvo os Estados Unidos. É considerada uma onda duradoura, segundo Rapoport (2002) devido à quantidade reduzida de organizações e a pouca fragmentação.

Contudo, o desafio não é apenas o de formular um conceito, mas também identificar características que permitam o estabelecimento de um padrão. Rapoport (2002) apresenta, com as ondas, a evolução da atividade terrorista ao longo de mais de 120 anos. De acordo com sua visão, “cada onda produz grandes trabalhos técnicos que refletem as propriedades especiais dessa onda, e contribuem para um esforço moderno comum para formular uma ‘ciência’ do terror” ¹²(RAPOPORT, 2002, pág. 49, tradução nossa). Logo, é difícil estabelecer características definitivas além da importância do fator psicológico, visto que o contexto histórico exerce grande influência nas estratégias adotadas pelas organizações terroristas.

2.2 Velho *Versus* Novo Terrorismo

Rezende e Schwether (2015) apresentam uma discussão sobre a existência de um “novo” e, conseqüentemente, um “velho” terrorismo. De acordo com esse pensamento, a década de 1990 é um ponto de inflexão na história do terrorismo, com a ascensão do terrorismo religioso.

Assim, a partir do fato de que o terrorismo não possui um conceito definido, nem características bem delimitadas, o que teria essa nova “onda” de diferente das outras três? Alguns pontos que se destacam como características do “novo terrorismo” são: (i) maior atuação em nível internacional, não mais regional; (ii) a organização em redes, não em células; (iii) o fator religioso como motivação.

A partir disso, Rezende e Schwether (2015) expõem que: (i) os atentados internacionais tenderam à queda após os anos 2000; (ii) que os anarquistas da 1ª onda também se organizavam em redes, logo, isso não seria uma novidade; (iii) o fator religioso já foi muito utilizado como justificativa para a prática de violência no passado.

Na década de 1990 e, mais ainda, na década de 2000, ataques terroristas tornaram-se desglobalizados, o número e percentual de organizações terroristas cometendo ataques fora de suas regiões residenciais diminuíram [...] na primeira década (1968-1977). (...), cerca de 17% das organizações terroristas realizaram ataques fora de suas regiões de base; esses números foram de 13% na terceira década (1988-1997). Os valores correspondentes foram de 24% para a segunda década (1978- 1987), mas inferiores a 5% na última (1998-2007). (GOLDMAN, pág. 50, 2010 *apud* REZENDE e SCHWETHER, pág. 94-95, 2015).

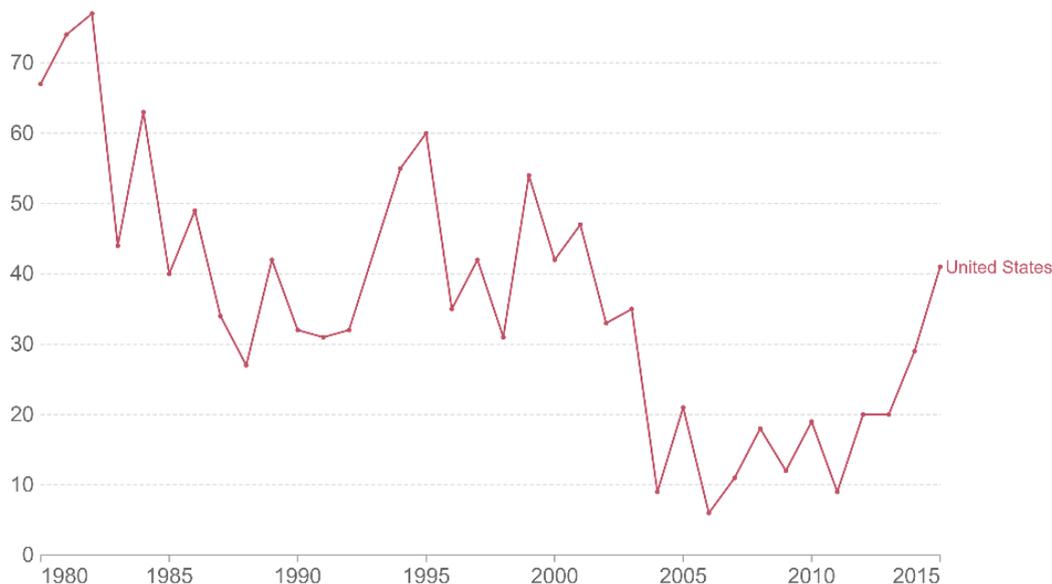
¹² No original: Each wave produces major technical works that reflect the special properties of that wave and contribute to a common modern effort to formulate a “science” of terror.

Considerando os Estados Unidos como um dos principais alvos da 4ª onda do terrorismo, de acordo com Rapoport, o gráfico a seguir ilustra a queda no número de atentados terroristas em solo americano entre 1980 e 2015.

Gráfico 1: Ataques Terroristas nos Estados Unidos entre 1980 e 2015

Number of terrorist attacks, 1980 to 2015

The source defines a terrorist attack as: "the threatened or actual use of illegal force and violence by a non-state actor to attain a political, economic, religious, or social goal through fear, coercion, or intimidation." The perpetrators of the incidents must be sub-national actors; data does not include acts of state terrorism.



Source: Global Terrorism Database (2022)

OurWorldInData.org/terrorism • CC BY

Fonte: OUR WORLD IN DATA, 2022.

Algumas das características atribuídas à essa “nova fase” do terrorismo também podem ser interpretadas como simples mudanças (evolução) para se adaptar ao contexto que o mundo se encontra, como aconteceu em todas as ondas passadas. Além disso, as táticas usadas pelos grupos terroristas atuais não são homogêneas, marcando uma mudança concreta e definitiva. Logo, Rezende e Schwether (2015) acreditam que não se justifica a necessidade da classificação de um novo “tipo” de terrorismo.

A falta de consenso sobre sua definição por certo perdurará. Afinal de contas, o uso normativo do termo terrorismo continua carregado de simbolismo, sendo empregado, de forma geral, como meio de desqualificação e/ou deslegitimação do inimigo (REZENDE e SCHWETHER, 2015, pág. 100).

2.3 Terrorismo como Fenômeno Social

Para Diniz (2002), o terrorismo não pode ser visto como uma simples questão jurídica, e para julgamento mais seguro do que é um ato terrorista, deve-se considerar tanto os meios quanto os fins. Assim, destaca que “o uso ou a ameaça de uso da violência”, como meio para um fim, não é suficiente para uma definição, afinal, outros agentes também se utilizam da coerção para atingir seus objetivos, como, por exemplo: sistema judiciário, que através da ameaça do uso da violência, coage os indivíduos sob sua jurisdição a cumprirem as leis; e outras formas de luta, como a guerrilha, que também se utiliza da violência. Logo, se faz necessário encontrar características particulares ao terrorismo, que o diferencie.

Primeiramente, é necessário reiterar que em todos os exemplos apresentados o fator psicológico possui um papel importante. Logo, o primeiro ponto destacado é a indiscriminação com os alvos: podem ser figuras importantes (como era da preferência dos anarquistas da 1ª onda), ou civis minimamente ligados ao alvo final. Nesse quesito, o terrorismo se diferencia do sistema judiciário, principalmente, e da guerrilha, em que os alvos da coerção são específicos. A determinação dos alvos nesses casos é fundamental para atingir seus objetivos.

Em seguida, Diniz (2002) destaca a irrelevância para uma organização terrorista do número de pessoas ou de suas capacidades materiais, assim como a destruição material causada. Dessa forma, o diferencia da guerrilha, para a qual todos esses fatores são essenciais, pois, sem eles, não conseguem alcançar seu objetivo. Para o terrorismo, esses pontos são irrelevantes, considerando que uma simples ameaça pode ser suficiente para atingir seu objetivo, e espalhar sua mensagem.

No geral, o uso do fator psicológico do medo, não a força, para Diniz (2002), é a chave para diferenciar o terrorismo de outras formas de luta, não apenas a guerrilha, mas também “operações convencionais”, ou seja, forças de Estado. Numa guerra, o número de pessoas e as capacidades materiais, assim como a destruição causada, possuem grande importância, assim como na guerrilha. Todos os quatro atores se utilizam do efeito psicológico do medo, mas de formas distintas do terrorismo, que o considera sua principal arma. Dessa forma, analisa-se os meios.

Sobre os fins, argumenta que as organizações terroristas, inicialmente, agem para tornar o grupo e a causa conhecidos, e, assim, atrair mais pessoas, até o ponto de ser capaz de desafiar o causador da sua insatisfação. Em seguida, para provar suas capacidades, tentam demonstrar a vulnerabilidade do seu inimigo. Terroristas também podem tentar

provocar uma reação desse agente que corrobore com sua narrativa, provando para o público-alvo que a opressão de fato acontece. Porém, recorrer ao terrorismo é arriscado, com altas chances de suas ações surtirem efeito contrário ao que buscam com as pessoas que lhe são interessantes, devido à violência e possíveis mortes.

2.4 Comportamento Terrorista: O Modelo Estratégico/Instrumental

Mas o que querem os terroristas? Suas motivações são sempre políticas? Diniz (2002) defende que sim, apesar de não concordar com o uso dessa finalidade na definição, pois pode excluir motivações diferentes que possam surgir no futuro. Para Rapoport (2002), por ser um fenômeno recente, o terrorismo pode ser ligado à importantes aspectos do mundo moderno: tecnologia; doutrina, que reflete uma tendência à racionalização dos seus atos; e, em destaque, problemas relacionados aos ideais democráticos, ao longo do tempo, que molda as atividades terroristas de cada época de formas diferentes, motivadas por desejo de mudança.

A falha de um programa de reforma democrática inspirou a primeira onda, e o principal tema da segunda foi a autodeterminação nacional. Uma pauta dominante, embora confusa, da terceira onda, foi que os sistemas existentes não eram verdadeiramente democráticos. E o espírito da quarta onda aparenta explicitamente antidemocrático. (RAPOPORT, 2002, pág. 65, tradução nossa)¹³

No debate sobre a motivação das organizações terroristas, Abrahms (2008) apresenta o “modelo estratégico”, uma nomenclatura alternativa que ele utiliza para se referir ao “modelo instrumental” de Crenshaw (1987), e a define como: corrente dominante dos estudos sobre terrorismo, que parte da ideia de que terroristas são atores totalmente racionais que usam da violência para alcançar objetivos políticos. Segundo Crenshaw, essa abordagem gira em torno do pressuposto que o terrorismo é uma alternativa utilizada por “organizações conspiratórias” para atingir “(...) valores coletivos, os quais envolvem mudanças nas condições políticas e sociais”¹⁴ (CRENSHAW, 1987, pág.13, tradução nossa).

¹³ No original: The failure of a democratic reform program inspired the first wave, and the main theme of the second was national self-determination. A dominant, however confused, third-wave theme was that existing systems were not truly democratic. The spirit of the fourth wave appears explicitly antidemocratic [...].

¹⁴ No original: The organization, as a unit, acts to achieve collective values, which involve radical changes in political and social conditions.

Segundo modelo instrumental, Crenshaw (1987) aponta que essas organizações optam pelo terrorismo de maneira racional, como um meio para um fim, por grupos em desvantagem numérica e de capacidade em frente ao ator opressor, que se utilizam principalmente do fator surpresa para compensar sua “fraqueza”, para gerar propaganda e expor a vulnerabilidade do governo. O terrorismo é visto como alternativa em situações como: os valores buscados são extremamente importantes; os custos da tentativa são baixos; a situação atual é intolerável; a probabilidade de sucesso (mesmo com altos custos) é grande.

As premissas do modelo estratégico, segundo Abrahms (2008) são: (i) terroristas são motivados por objetivos políticos relativamente estáveis e consistentes; (ii) terroristas avaliam as recompensas políticas esperadas de suas opções disponíveis; (iii) o terrorismo é o último recurso, a opção adotada quando os ganhos políticos esperados são maiores que os das outras alternativas.

O autor demonstra que há uma inconsistência entre essas premissas e a realidade das organizações terroristas. Conquanto afirma que o modelo estratégico erra na estrutura de incentivo, e que a maioria das evidências empíricas e teóricas apontam que os terroristas são pessoas racionais, mas que usam o terrorismo principalmente para desenvolver laços afetivos com outros terroristas. A partir disso, refuta as bases do modelo estratégico, e apresenta o que denomina como tendências as “7 tendências intrigantes das organizações terroristas” (Quadro 6):

Quadro 6: As 7 Tendências Intrigantes das Organizações Terroristas (continua)

Tendências	
1	As organizações terroristas não atingem seus objetivos estabelecidos atacando civis;
2	Nunca usam terrorismo como último recurso e raramente aproveitam as chances de se tornarem um partido produtivo não-violento;
3	Organizações terroristas rejeitam reflexivamente as propostas de compromisso que oferecem concessões políticas significativas por parte do governo alvo;
4	Organizações terroristas possuem plataformas multiformes;
5	Organizações terroristas realizam ataques anônimos, impedindo os países-alvo de fazerem concessões;

6	Organizações com plataformas políticas idênticas rotineiramente atacam umas às outras mais do que ao próprio inimigo;
7	Organizações terroristas resistem a se dissolver mesmo quando consistentemente falham em alcançar suas plataformas políticas, ou quando suas queixas políticas declaradas foram resolvidas, e, portanto, são discutíveis.

Fonte: Elaboração própria (2022) a partir de Abrahms, 2008.

Abrahms (2008) defende que a visão que mais se aproxima da realidade é a das teorias organizacionais. A teoria organizacional é dominada por dois modelos: o clássico e de sistemas naturais. O clássico defende que o grupo é organizado de maneira a maximizar seus resultados, e seus membros tem como principal motivação atingir os objetivos estabelecidos pelo grupo. Logo, sua efetividade é medida pela capacidade de cumprir com sua agenda. O modelo clássico serviu de base para a teoria estratégica, e ambos considerados antiquados.

Em suma, foi apresentado como o terrorismo pode ser visto em função de uma concepção histórica; da importância do fator psicológico, e da pluralidade conceitual e não pacífica do que é o terrorismo. A partir disso, em seguida se apresenta a animação escolhida, na qual foram identificadas, no contexto da história, similaridades com as perspectivas teóricas trabalhadas dos estudos sobre terrorismo.

3 TERRORISMO E A “AVATAR: A LENDA DE KORRA”

A animação escolhida para ilustrar a ideia de terrorismo foi “Avatar: A Lenda de Korra”. Essa animação é derivada de uma série anterior, chamada “Avatar: A Lenda de Aang”. Trata-se de um pseudo-anime, ou seja, uma animação inspirada no estilo japonês *anime*, mas não produzida no Japão, apenas adotando seu estilo e estética. Produzida com foco no público infanto-juvenil, a animação é de fácil compreensão, mas apresenta problemáticas mais complexas que sua versão antecessora, e trabalha com diversos conflitos políticos de forma mais simples e atraente aos jovens.

Para a pesquisa, importa ambientar e contextualizar a história do anime de forma a facilitar ao leitor como o conceito terrorismo é trabalhado na obra. Assim, tem-se que no universo de Avatar, o mundo é dividido em quatro nações: Tribos da Água (Norte e Sul); Nômades do Ar; Reino da Terra, e Nação do Fogo. Porém, em “Avatar: A Lenda de Korra”, também há a Cidade República: a capital de um território soberano, que não pertence a nenhuma das 4 nações, chamado República Unida das Nações.

É em Cidade República onde se passa os eventos ocorridos na 1ª temporada, em que trechos foram escolhidos para a realização do experimento com os alunos. A problemática apresentada gira em torno da luta da Avatar Korra contra o grupo dos Igualitários, uma organização anti-dominação. Os Igualitários buscam combater os chamados “dominadores”, pessoas que nasceram com a capacidade de dominar um dos quatro elementos naturais: fogo, terra, água ou ar. E dentre os dominadores, apenas um é capaz de dominar os 4 elementos: o Avatar.

Os Igualitários acusam os dominadores de abuso de poder, seja por estarem em maior peso no governo de Cidade República; compor a sua polícia; ou pelos criminosos, que utilizam das suas habilidades para tirar proveito dos cidadãos não-dominadores. Em busca de mudanças políticas, conquistam grande apoio popular, e convencem boa parte da população não-dominadora de que a opressão existe. Seu líder Amon (secretamente um dominador), é capaz, por meio da dominação de sangue, de retirar de forma definitiva os poderes de outras pessoas.

Essa capacidade que, segundo Amon, é uma dádiva concedida pelos deuses, é utilizada para fazer demonstrações públicas para conquistar apoiadores. Eles se referem ao governo de Cidade República como “tirânico”, sua população dominadora como “elite”, e, após tomarem o poder, tornam ilegal a dominação. Esse seria, de acordo com os Igualitários, o primeiro passo para tornar o mundo mais justo e promover a igualdade entre as pessoas: primeiramente, em Cidade República; e em seguida, em todas as nações.

3.1 Comparação com a Teoria

Numa perspectiva geral, no grupo identificado como Igualitários na animação, são observados fatores que remetem ao “modelo estratégico” ou “modelo instrumental” do terrorismo, apresentado por Abrahms (2008) e Crenshaw (1987). Assim como representado na animação, as teorias consideram a organização terrorista como ator racional, ao qual os indivíduos que se identificam com sua agenda e seus valores decidem, também de forma racional, fazer parte, com a motivação de, segundo Crenshaw (1987), mudar a posição política de um governo.

De acordo com as 3 premissas do modelo estratégico estabelecidas por Abrahms (2008), os Igualitários agem de acordo com 2. Primeiramente, são motivados por objetivos políticos relativamente estáveis e consistentes, sendo estes: assumir o poder, e acabar com a capacidade de dominação, retirando-a de forma definitiva. Além disso, também avaliam as recompensas políticas esperadas de suas opções disponíveis, ou seja,

tomam decisões e agem de maneira racional, pensando nas consequências políticas. Isso fica evidente quando, ao se encontrar com Korra, apesar da oportunidade, Amon decide não agir contra o Avatar, pois a tornaria um mártir, acarretando em maiores obstáculos para os planos da organização, e porque ele já teria um fim definido para ela num futuro próximo, de forma que serviria positivamente aos seus interesses.

Também pode ser observado na animação a perspectiva da efetividade e do sucesso das organizações terroristas: de acordo com Diniz (2002, *apud* CRENSHAW, 1995), a efetividade se dá quando os terroristas conseguem obrigar o alvo (nesse contexto, pode ser considerado o governo e o avatar), a mudar seu comportamento. E essa mudança ocorre de maneira a beneficiar o discurso terrorista, visto que o Avatar, figura popular entre as pessoas, é forçada a se posicionar contra os revoltosos.

Além disso, é montada uma força tarefa para combater os Iguatários, e sua liderança age de maneira agressiva com os civis não-dominadores, cortando sua energia e adotando toque de recolher apenas com essa parcela da população, considerando-os automaticamente como apoiadores da causa igualitária, logo, inimigos. Dessa forma, corrobora com o discurso de opressão utilizado pelos Iguatários.

Características pontuais atribuídas ao terrorismo também estão representadas na animação. Segundo Diniz (2002), uma característica importante do terrorismo é a indiscriminação dos alvos. Ele pode ser a pessoa/instituição que é, de fato, o "alvo último"; e podem ser alvos que possuam alguma ligação, mesmo que mínima, com o objetivo final.

Em A Lenda de Korra, não há propriamente um "alvo último", pois esses seriam simplesmente todos os dominadores. Mas o que se aproxima de ser esse alvo principal, é a Avatar Korra, que é a principal referência quando se trata de dominação, visto que consegue manipular os 4 elementos. Entretanto, na primeira demonstração de Amon, os reféns são pessoas "menos importantes": 3 criminosos e 1 dominador profissional (que participa de lutas para entretenimento).

Outra característica importante do terrorismo, segundo Diniz (2002), é que a principal arma do terrorista não é a violência, mas o terror, o medo. Nesse sentido, não importa as capacidades materiais reais de um grupo terrorista, se está em vantagem ou desvantagem numérica. E o medo é o grande aliado de Amon, medo que provém do seu poder de retirar a dominação, colocando todos os dominadores em perigo.

Além disso, dependendo da causa, o apoio popular (ainda que seja de uma parte específica da população) pode ser importante. Nesses casos, o uso de violência

indiscriminada não é adequado, por mais que o grupo possua ferramentas para isso, pois pode causar desaprovação total por parte da população. Isso acontece porque, para os terroristas, a publicidade que seguirá pode ser tão importante quanto o ato de violência praticado, de acordo com Laqueur (1996).

Em Avatar, o uso da violência não possui efeitos colaterais na população no geral. O discurso de ódio é direcionado à parcela da população que possui a capacidade de dominação, e, no contexto da animação, não chegou ao ponto de ser praticada contra civis aleatórios. E, a priori, a violência (que não corresponde a uma violência física propriamente dita), é praticada apenas com alvos estratégicos, para fazer demonstrações.

Após a escolha dos alvos, Amon, usa sua dominação de sangue (da qual ninguém tem ciência) para retirar a capacidade de dominação de seus reféns de forma teatral. Num primeiro momento, isso acontece em uma reunião com o objetivo de apresentar a causa e conquistar apoiadores. Depois, após conseguir iniciar uma guerra e dissolver o governo, numa cerimônia de comemoração, toma como reféns a família e o próprio conselheiro Tenzin: filho do avatar Aang, um dos governantes da Cidade República, e chefe da família dos últimos dominadores de ar.

Esse é o momento que Amon recorre, finalmente, ao ataque a figuras de poder, para representar sua conquista, remetendo ao comportamento dos terroristas da 1ª onda de Rapoport (2002), não só pela posição de Tenzin na política, mas pelo valor simbólico atribuído a ele e sua família, como dominadores. Dessa forma, no espetáculo, ele tornaria os dominadores de ar extintos, e, como afirmado por Rezende e Schwether (apud SPENCER, 2015, pág. 95), a grande dramaticidade é importante para os terroristas, pois é a partir dela que o terror é maximizado, garantindo uma repercussão em larga escala.

4 R. I. ESTÉTICA: EXPERIMENTO COM “AVATAR: A LENDA DE KORRA”

De acordo com as comparações feitas anteriormente entre a animação e os estudos de terrorismo, um trecho feito com cortes das cenas específicas é utilizado no desenvolvimento de um quase-experimento, com aplicação de um survey, para os alunos do curso de (RI) da Universidade Potiguar.

4.1 Metodologia

Este trabalho baseia-se em uma pesquisa de dados qualitativos, decorrentes da aplicação de *survey*. O objetivo deste *survey* é testar o uso de produções audiovisuais e o processo de aprendizagem em R.I. Nesta seção são apresentadas as características da

pesquisa, os critérios do método de pesquisa para a construção do estudo, a explicação acerca da coleta e análise dos dados e as limitações desta pesquisa.

Afim de atingir objetivo geral deste trabalho, que consiste em compreender a relação entre o uso de produções audiovisuais e o processo de aprendizagem do conceito de terrorismo em R.I., o estudo propõe-se a: fazer uma análise descritiva, com intuito de esclarecer a discussão sobre o conceito de terrorismo e também uma análise explicativa, para explorar os dispositivos de estudo de da abordagem Estética, bem como utilizá-los na prática.

O procedimento principal escolhido para coleta de dados é o questionário (*survey*), com propósito explanatório, para testar a teoria da abordagem Estética. A pesquisa aplica o método indutivo, no qual se observa o fenômeno, se descobre a relação entre a causa e o efeito e generaliza a relação. A natureza dos dados é de caráter qualitativo, e a amostra tem caráter corte-transversal: sendo aplicado em um único dia pela manhã e pela tarde.

As fontes de dados escolhidas consistem em fonte bibliográfica, acerca dos estudos feitos anteriormente na área da abordagem Estética e na discussão sobre o conceito de terrorismo; e também se utiliza a pesquisa de campo com os alunos de Relações Internacionais da Universidade Potiguar, para coleta de dados acerca da aplicabilidade de produções audiovisuais nestes alunos.

A participação dos candidatos no experimento seguiu os seguintes critérios: (i) estar matriculado no curso Relações Internacionais da UnP; (ii) cursar do 4º ao 8º período; (iii) ter estudado e estar familiarizado com o conceito de Terrorismo; (iv) ter cursado a disciplina Segurança e Conflitos Internacionais da Universidade Potiguar.

4.2 Aplicação

Após selecionados mediante aos critérios colocados, os alunos são separados em dois grupos, em turnos com diferentes objetivos. O grupo matutino é o grupo controle, que é submetido à quatro etapas: (i) um questionário antes da exibição; (ii) um rápido seminário acerca dos conteúdos de terrorismo apresentados neste trabalho; (iii) a exibição de um conjunto de cortes da 1ª temporada da animação “Avatar: A Lenda de Korra”, que está disponível *online*¹⁵. Após a exibição, (iv) um questionário final. O objetivo deste grupo é delimitar o potencial da animação como ferramenta auxiliar, alinhada a prévia explanação do conceito.

¹⁵ Disponível em:
https://drive.google.com/drive/folders/1AAOhIRiV_SH6rW4e79HPDDnbdPjRMXL0?usp=sharing

O segundo grupo, no turno vespertino, é o grupo de teste. Será submetido ao (i) questionário prévio à exibição; (ii) apresentação das cenas selecionadas, e (iii) ao questionário final, não sendo exposto aos conteúdos abordados no seminário. Esta privação do conteúdo tem o objetivo de testar a efetividade da animação em ilustrar o conceito de terrorismo sem um guia prévio.

Os alunos são testados com base nas seguintes capacidades: efetividade da animação na ilustração do conceito; trajetória utilizada para aprender; e formulação do conhecimento pós exibição. O questionário prévio à exibição é misto, com perguntas abertas e fechadas, utilizando respostas categóricas ou de medidas da *Escala Likert*. O questionário final é fechado, com afirmações, e utilizando medidas da *Escala Likert*.

Dentre as dificuldades encontradas no processo de aplicação do experimento estão a pouca quantidade de alunos do curso de RI na Universidade Potiguar que cumprem os critérios estabelecidos, e a disponibilidade para participar, o que tornou reduzido o tamanho da amostra. No total, foram 14 participantes: 9 para o grupo de teste, e 5 para o grupo de controle.

4.3 Resultados

Os resultados obtidos pelos questionários foram calculados com base na totalidade de participantes do experimento. No questionário anterior à exibição, 57,1% dos alunos participantes relataram ter contato muito frequentemente com filmes e similares. Quanto às preferências, os gêneros de ação e aventura e ficção científica foram destaque, enquanto as animações estiveram entre os 28,6% das escolhas, no mesmo nível dos filmes de comédia, romance e documentários. Sobre a utilização de produções cinematográficas com a finalidade de aprendizagem, os alunos demonstraram grande divergência nas respostas. O maior percentual é de 35,7% na resposta com teor mais neutro das opções.

Com a utilização da *Escala Likert*, foi possível conhecer com mais exatidão a opinião do público e avaliar sua intensidade. No questionário posterior à exibição foram obtidos a partir da *Escala Likert* de frequência, satisfação e concordância (quadro 7), com o objetivo de medir a relação dos alunos com as produções audiovisuais, calcular as percepções dos alunos acerca do conceito de terrorismo.

Quadro 7: Pontuações de efetividade por respostas de acordo com a *Escala Likert*.

ASPECTOS DA <i>ESCALA LIKERT</i>	PONTUAÇÃO
----------------------------------	-----------

FREQUÊNCIA	SATISFAÇÃO	CONCORDÂNCIA	PONTUAÇÃO POR RESPOSTA
Nunca	Muito insatisfeito	Discordo totalmente	1 ponto
Raramente	Insatisfeito	Discordo	2 pontos
Eventualmente	Indiferente	Não concordo, nem discordo	3 pontos
Frequentemente	Satisfeito	Concordo	4 pontos
Muito frequente	Muito satisfeito	Concordo totalmente	5 pontos

Fonte: Elaboração própria (2022).

Posteriormente, estas pontuações foram analisadas, definido um ponto máximo e um ponto mínimo, formando uma escala para cada grupo de populações baseado na quantidade de participantes. A partir disso, foram analisados de acordo com a pontuação de efetividade indo de 1 a 10; e a classificados a partir de sua efetividade, indo de muito alta à muito baixa, sendo demonstrada do maior ao menor valor (quadro 8).

Quadro 8: Efetividade de Acordo com a Pontuação

ESCALA DO GRUPO DE CONTROLE	ESCALA DO GRUPO DE TESTE	ESCALA DE TODOS OS PARTICIPANTES	PONTUAÇÃO DE EFETIVIDADE	EFETIVIDADE
21-25 pontos	36-45 pontos	56-70 pontos	10	Muito alta
16-20 pontos	28-35 pontos	55-42 pontos	7,5	Alta
11-15 pontos	19-27 pontos	41-28 pontos	5	Mediana
6-10 pontos	10-18 pontos	27-14 pontos	2,5	Baixa
5 pontos	9 pontos	13 pontos	0	Muito baixa

Fonte: Elaboração própria

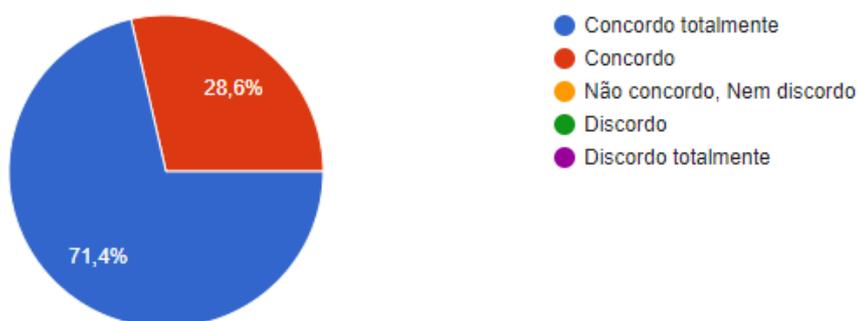
Segundo a pontuação de efetividade por respostas, o questionário pós-exibição obteve o seguinte resultado: no grupo teste, que utilizou cerca de 64% da população total de participantes do experimento, o resultado variou de 29-44 pontos. O grupo controle, que utilizou cerca de 35% da população total de participantes, resultou em uma média de 20-24 pontos obtidos. Os resultados da população total de participantes do questionário posterior à exibição sucederam em uma pontuação da escala de efetividade entre 10-7,5, considerada como alta ou muito alta.

Os cortes da 1ª temporada da animação “Avatar: A Lenda de Korra”, segundo a opinião dos estudantes, tem a capacidade para auxiliar na visualização dos conteúdos apresentados sobre terrorismo (Gráfico 2).

Gráfico 2: Resultados da Afirmação 10 do Survey Posterior à Exibição

10. Esta exibição contribuiu para seu entendimento acerca do conceito de "terrorismo".

14 respostas



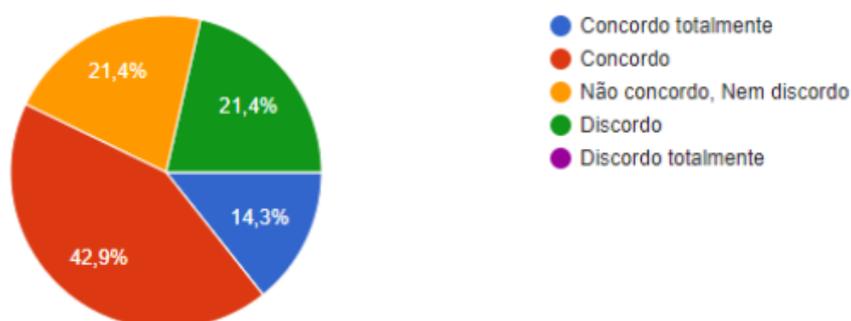
Fonte: Elaboração própria (2022).

Entretanto, há um ponto de precaução que deve ser considerado antes de qualquer exibição: a necessidade de uma aula expositiva alinhada com o conteúdo que será exibido. Como fica explícito no Gráfico 3, a opinião dos estudantes diverge quanto à eficácia da animação sem uma aula teórica para norteá-la.

Gráfico 3: Resultados da Afirmação 3 do Survey Posterior à Exibição

3. Sem uma explicação teórica prévia, a exibição da animação "Avatar: A Lenda de Korra" cumpriria seu papel de explanar sobre o conceito de terrorismo de maneira satisfatória.

14 respostas



Fonte: Elaboração própria (2022)

Considerações Finais

Este trabalho teve como finalidade entender como o uso de produções audiovisuais afeta o processo de aprendizagem de Relações Internacionais. Afim de compreender a relação entre o uso de produções audiovisuais e o processo de aprendizagem do conceito de terrorismo, foram definidos três objetivos específicos.

Primeiramente, foi discutida a abordagem Estética das Relações Internacionais no processo de aprendizado, pelo qual levantou-se vantagens e desvantagens da sua aplicação em sala de aula. Em seguida, foi apresentado um panorama geral sobre o debate acerca do conceito de terrorismo, a partir do qual foram encontrados pontos semelhantes à animação “Avatar: A Lenda de Korra”. Por último, foi feita uma associação entre os conteúdos apresentados sobre o conceito de terrorismo e os elementos da primeira temporada da animação, que se assemelham, em especial, à abordagem instrumental/estratégica.

A partir disso, foi estruturado um experimento com uso da ferramenta metodológica do *survey*. Mediante os resultados coletados nesta pesquisa, observou-se que: (i) A seleção adequada de cenas pode dirimir o quarto ponto problema apontado por Safia Swimellar (2013), acerca do tempo tomado pelos filmes e séries em sala de aula; (ii) E o sexto problema de Swimellar (2013), sobre o desestímulo dos estudantes ao perceberem a pouca qualidade do conteúdo didático, pode ser solucionado com base nas respostas das perguntas 1, 2, 4 e 5 do questionário prévio à exibição, que buscaram compreender a preferência dos alunos.

De acordo com os alunos, a animação mostrou-se com efetividade alta a muito alta. Contudo, os objetos de estudos Estéticos, e neste caso, a animação, podem ser melhor aproveitados quando alinhados com aulas expositivas. Esse alinhamento se fez importante para a efetividade da absorção do conteúdo e de estímulo do pensamento crítico, visto que apenas 11,11% dos estudantes do grupo de controle concordaram totalmente que a animação, mesmo sem uma aula prévia, conseguiria ilustrar o conceito de terrorismo, contra 33,33% que discordaram. Sem direcionamento, os estudantes ficam mais vulneráveis a não compreender corretamente o conteúdo demonstrado, e da ferramenta não cumprir com o objetivo esperado.

REFERÊNCIAS

ABRAHMS, Max. **Why Terrorism Does Not Work**. *International Security*, 31(2), 42–78, 2006.

ABRAHMS, Max. **What Terrorists Really Want Terrorist Motives and Counterterrorism Strategy**. *International Security*, 78–105, 2008.

BERGESEN, Albert. J.; LIZARDO, Omar. **International Terrorism and the World-System**. 22(1), 38-52, 2004.

BLEIKER, Roland. **Aesthetics and World Politics**. England: Palgrave Macmillan, 1ºed, 2012.

BLEIKER, Roland. **Visual Global Politics**, Routledge, 1º ed., 2018.

BLEIKER, Roland. **The Aesthetic Turn in International Political Theory**. *Millennium*, 30(3), 509–533, 2001.

BOYER, Mark A., et al. **At the Movies: A Continuing Dialogue on the Challenges of Teaching with Film**. *International Studies Perspectives*, vol. 3, no. 1, 2002, pp. 89–94, 2003.

CALLAHAN, William A. **Sensible Politics: Visualizing International Relations**. online ed, Oxford Academic, 2020.

CALLAHAN, William A. **The Visual Turn in IR: Documentary Filmmaking as a Critical Method**. *Millennium*, 43(3), 891–910, 2015.

CRENSHAW, Martha. **Theories of terrorismo: Instrumental and organizational approaches**, 10(4), 13–31, 1987.

CRONIN, Audrey Kurth; LUDES, James M. (Ed.). **Attacking terrorism: Elements of a grand strategy**. Georgetown University Press, 2004.

DINIZ, Eugenio. **Compreendendo o Fenômeno do Terrorismo**. ABCP Associação Brasileira de Ciência Política, 2002.

FINK, Arlene. **The survey handbook**. SAGE Publications, Inc, 2003.

FINK, Arlene. **How to ask survey questions**. Thousand Oaks, Sage, 1995.

FRANK, Jason. **Rethinking the Roots of Terrorism**. Palgrave Macmillan U, 2006.

FREITAS, H. et al. **O método de pesquisa survey**. *Revista de Administração da USP*, São Paulo, v. 35, n. 3, p.105-112, jul./set, 2000.

FROMKIN, David. **The Strategy of Terrorism**. *Foreign Affairs*. 1975

FUNDERBURK, Charles. **Politics and the Movie**, *Teaching Political Science* 6 (1): 111–116, 1978.

GOODWIN, Jeff. **A Theory of Categorical Terrorism**. *Social Forces*, 84(4), 2027–2046, 2006.

GREGG, Robert W. **International Relations on Film**. London: Lynne Rienner, 1998.

GREGG, Robert W. **The Ten Best Films about International Relations**. *World Policy Journal* No. 16: 129-134, 1999.

GUIMARÃES, Feliciano de Sá. **Teoria das Relações Internacionais -1ªEd.** Editora Contexto. 2021.

HOFFMAN, Bruce. **Inside terrorism**. Columbia University Press, 2017.

HOLDEN, Gerard. **Cinematic IR, the Sublime, and the Indistinctness of Art**, *Millennium: Journal of International Studies* 34 (3): 793–818, 2006.

JOHN D. BRANSFORD. **How people learn: brain, mind, experience, and school**. The National Academies Press [Expanded Edition]. Washington, 2000.

JACKSON, Robert H; SORENSEN, Georg. **Introdução às relações internacionais: Teorias e abordagens**. Editora Zahar, 2007.

JESUS, Diego Santos Vieira; TÉLLEZ, Carlos André. **Concerto para nenhuma voz? Arte e estética no estudo das Relações Internacionais**. *Revista Eletrônica EXAMÃPAKU*, v.07, n.3, 2014.

JUNIOR, Edson José Neves; ZANELLA, Cristine Koehler. **O cinema e a extensão em relações internacionais: métodos, trajetórias e resultados**. *Revista da Extensão*, n. 13, p. 30-37, 2016.

KRIEGER, Tim; MEIERRIEKS, Daniel. **What causes terrorism**. *Public Choice*, 147(1-2), 3–27, 2001.

KRUKONES, M.G. **Politics in fiction and film: An interdisciplinary approach to an abstract topic**. *Innov High Educ* 14, 57–65, 1989.

KUZMA, L. M.; HANEY, P.J. **And . . . Action! Using Film to Learn About Foreign Policy**. *International Studies Perspectives*. 2(1)33-50, 2001.

KYDD, Andrew. WALTER, Barbara F. **Sabotaging the Peace The Politics of Extremist Violence**. *International Organization*, 56(2), 263–296, 2002.

LAKE, David A. **Rational Extremism Understanding Terrorism in the Twenty-first Century**. *Dialogue IO*, 1(1), 15–28, 2002.

LAQUEUR, Walter. **Postmodern Terrorism**. *Foreign Affairs*, 75(5), 24–36, 1996.

NOGUEIRA, João; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates**, 2005.

PAPE, Robert A. **The Strategic Logic of Suicide Terrorism**. *The American Political Science Review*, 97(3), 343–361, 2003.

PINSONNEAULT, A. & KRAEMER, K. L. **Survey research in management information systems: an assesment**, *Journal of Management Information System*, 1993.

RAPOPORT, David C. **The four waves of modern terrorism**. *Terrorism Studies*. Routledge. p. 63-82, 2013.

REZENDE, Lucas; SCHWETHER, Natália. **Terrorismo - a contínua busca por uma definição**. *Rev. Bra. Est. Def.* v. 2, nº 1, jan./jun., p. 87-105, 2015.

SHAPIRO, Michael, J. **Cinematic Geopolitics (1st ed.)**. Routledge, 2009.

SWIMELAR, Safia. **Visualizing International Relations: Assessing Student Learning Through Film**. *International Studies Perspectives*, v. 14, n. 1, p. 14-38, 2013.

VALERIANO, Brandon. **Teaching Introduction to International Politics with Film**, *Journal of Political Science Education*, 9:1, 52-72, 2013.

WEBER, Cynthia. **The Highs and Lows of Teaching IR Theory: Using Popular Films for Theoretical Critique**, *International Studies Perspective* 2 (3): 281–287, 2001.

ZANELLA, Cristine Koehler; NEVES JR., Edson José. **O ensino de Relações Internacionais e o cinema: reflexões sobre o uso de filmes como uma ferramenta pedagógica**. *Meridiano* 47, v. 18, p. 1-20, 2017.

APÊNDICE

QUADRO 8: RESPOSTAS SEGUNDO A *ESCALA LIKERT* DE CONCORDÂNCIA: GRUPO DE TESTE

AFIRMAÇÕES	RESPOSTAS SEGUNDO A <i>ESCALA LIKERT</i> DE CONCORDÂNCIA: GRUPO DE TESTE				
	Concordo totalmente	Concordo	Não concordo, nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
1. Na animação é apresentada uma noção de terroristas como atores racionais, que buscam de forma coletiva um objetivo político.	4 (44,44%)	5 (55,55%)	0	0	0
2. A exibição da animação "Avatar: A Lenda de Korra", em sintonia com uma aula teórica, se configura como uma estratégia didática eficiente para o aprendizado do conceito de terrorismo.	7 (77,78%)	2 (22,22%)	0	0	0
3. Sem uma explicação teórica prévia, a exibição da animação "Avatar: A Lenda de Korra" cumpriria seu papel de explicar sobre o conceito de terrorismo de maneira satisfatória.	1 (11,11%)	3 (33,33%)	2 (22,22%)	3 (33,33%)	0
4. A exibição de "Avatar: a lenda de Korra" provocou mais interesse no assunto terrorismo.	6 (66,67%)	3 (33,33%)	0	0	0
5. Com base nesta experiência, as animações possuem potencial como ferramenta auxiliar no processo de aprendizagem	8 (88,89%)	1 (11,11%)	0	0	0
6. O conceito de terrorismo apresentado por Goodwin (2006, pág. 2031) se aplica ao grupo dos Igualitários na animação. “[...] o uso estratégico de violência e ameaças de violência, geralmente com a intenção de influenciar vários públicos, por grupos políticos de oposição contra civis ou não combatentes que pertencem a uma etnia específica, grupo religioso ou nacional, classe social ou alguma outra coletividade, sem levar em consideração suas identidades ou papéis individuais”.	6 (66,67%)	3 (33,33%)	0	0	0
7. A cena em que Tenzin e sua família são feitos de reféns configura a estratégia de ataques à figuras de poder.	7 (77,78%)	2 (22,22%)	0	0	0
8. Quando a polícia de Cidade República age de forma violenta	7 (77,78%)	2 (22,22%)	0	0	0

com os cidadãos não-dominadores, passa a considerá-los como inimigos, a corroborar com o discurso de opressão dos Iguatários e fomentar a segregação.					
9. Nas cenas em que Amon retira o poder de dominação dos alvos, de forma estratégica, em frente a um grande público, fica evidente a importância da dramaticidade para disseminar o terror.	6 (66,67%)	3 (33,33%)	0	0	0
10. Esta exibição contribuiu para seu entendimento acerca do conceito de "terrorismo".	8 (88,89%)	1 (11,11%)	0	0	0
11. Como você se sente quanto a este formulário?	6 (66,67%)	3 (33,33%)	0	0	0
12. Como você avalia a aula prévia à exibição?	6 (66,67%)	3 (33,33%)	0	0	0
13. Como você avalia a associação entre a animação e o conceito?	7 (77,78%)	2 (22,22%)	0	0	0
14. Como você avalia a animação escolhida, "Avatar: A Lenda de Korra"	8 (88,89%)	1 (11,11%)	0	0	0

Fonte: Elaboração própria (2022)

QUADRO 9: RESPOSTAS SEGUNDO A *ESCALA LIKERT* DE CONCORDÂNCIA: GRUPO DE CONTROLE

AFIRMAÇÕES	RESPOSTAS SEGUNDO A <i>ESCALA LIKERT</i> DE CONCORDÂNCIA: GRUPO DE CONTROLE				
	Concordo totalmente	Concordo	Nem concordo, nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
1. Na animação é apresentada uma noção de terroristas como atores racionais, que buscam de forma coletiva um objetivo político.	4 (80%)	1 (20%)	0	0	0
2. A exibição da animação "Avatar: A Lenda de Korra", em sintonia com uma aula teórica, se configura como uma estratégia didática eficiente para o aprendizado do conceito de terrorismo.	3 (60%)	2 (40%)	0	0	0
3. Sem uma explicação teórica prévia, a exibição da animação "Avatar: A Lenda de Korra" cumpriria seu papel de explicar sobre o conceito de terrorismo de maneira satisfatória.	1 (20%)	3 (60%)	1 (20%)	0	0
4. A exibição de "Avatar: a lenda de Korra" provocou mais interesse no assunto terrorismo.	2 (40%)	2 (40%)	1 (20%)	0	0
5. Com base nesta experiência, as animações possuem potencial como ferramenta auxiliar no processo de aprendizagem	4 (80%)	1 (20%)	0	0	0

6. O conceito de terrorismo apresentado por Goodwin (2006, pág. 2031) se aplica ao grupo dos Iguaitários na animação. “[...] o uso estratégico de violência e ameaças de violência, geralmente com a intenção de influenciar vários públicos, por grupos políticos de oposição contra civis ou não combatentes que pertencem a uma etnia específica, grupo religioso ou nacional, classe social ou alguma outra coletividade, sem levar em consideração suas identidades ou papéis individuais”.	3 (60%)	1 (20%)	1 (20%)	0	0
7. A cena em que Tenzin e sua família são feitos de reféns configura a estratégia de ataques à figuras de poder.	4 (80%)	1 (20%)	0	0	0
8. Quando a polícia de Cidade República age de forma violenta com os cidadãos não-dominadores, passa a considerá-los como inimigos, a corroborar com o discurso de opressão dos Iguaitários e fomentar a segregação.	4 (80%)	1 (20%)	0	0	0
9. Nas cenas em que Amon retira o poder de dominação dos alvos, de forma estratégica, em frente a um grande público, fica evidente a importância da dramaticidade para disseminar o terror.	4 (80%)	1 (20%)	0	0	0
10. Esta exibição contribuiu para seu entendimento acerca do conceito de "terrorismo".	2 (40%)	3 (60%)	0	0	0
11. Como você se sente quanto a este formulário?	3 (60%)	2 (40%)	0	0	0
12. Como você avalia a aula prévia à exibição?	NÃO SE APLICA, POIS NÃO TIVERAM AULA PRÉVIA				
13. Como você avalia a associação entre a animação e o conceito?	3 (60%)	2 (40%)	0	0	0
14. Como você avalia a animação escolhida, “Avatar: A Lenda de Korra”	4 (80%)	1 (20%)	0	0	0

Fonte: Elaboração própria (2022).